

**Desemprego.** Nem-nem, a geração que não estuda, nem trabalha, nem está em formação. Jovens que crescem longe da escola e do mercado de trabalho. O DN falou com sete jovens, que vivem em diferentes pontos do País. Contam as suas histórias, o porquê de terem abandonado os estudos e a luta diária pela entrada no mercado de trabalho. A maioria nunca conseguiu mais do que trabalhos precários e, por isso, não tem direito a subsídio de desemprego. Reclamam da falta de oportunidades e de apoios, numa altura em que a OCDE revela que um em cada seis jovens portugueses não trabalha nem estuda

# Geração nem-nem os jovens que estragam as estatísticas



JOANA CAPUCHO  
Jornalista

**“Ficamos num vácuo, sem resposta”**

Não trabalha, nem estuda, nem está em formação. Marco Almeida, 27 anos, está entre os quase meio milhão de jovens portugueses que fazem parte da chamada geração nem-nem. Abandonou os estudos no 9.º ano, aos 17 anos, e desde aí não conhece outra realidade que não seja o desemprego e uns biscates ou trabalhos precários. Tinha reprovado algumas vezes, cansou-se e desistiu da escola. Mas não conseguiu entrar no mercado de trabalho, como esperava. “Ou me diziam que não tinha escolaridade, ou que não tinha experiência profissional.” Procurava todo o tipo de empregos. Como não arranjava nada, inscreveu-se nas Novas Oportunidades e concluiu o 9.º ano, em 2012.

Quería fazer um curso profissional, alguma coisa que o preparasse para exercer uma profissão. Tentou os cursos do Instituto do Emprego e Formação Profissional. “Não conseguia porque não estava a receber o fundo de desemprego. Mas não queria que me pagassem. Só queria formação em hotelaria, turismo, cozinha, qualquer coisa.” Procurou algumas escolas profissionais que lhe “fecharam as portas porque já tinha 23 anos.”

Marco teve dois empregos: um como ajudante de pintor, outro como fiel de armazém. Nunca por mais de dois meses. “Chamavam-me quando precisavam, eram trabalhos precários.” E chegou a fazer umas horas numa pizzeria. Está inscrito no centro de emprego e procura ofertas na internet. “Não só não chamam para entrevistas, como não dizem nada. Ficamos no vácuo, sem resposta.” Sustenta-se com a ajuda dos pais, com quem vive, e dos avós. Tem a expectativa de ser chamado em breve para uma fábrica de montagem de bicicletas. Ainda não assinou contrato, nem conhece em que condições vai trabalhar.

À mesa do café onde passa grande parte das tardes e noites, em Ílhavo, Marco sorri e diz estar agora mais motivado. “Há alguns anos entrei numa depressão, por estar sem fazer nada, com horários trocados, refeições trocadas. O corpo começou a sentir isso.” Não foi fácil erguer-se, recorda, mas conseguiu, “graças aos medicamentos e aos amigos”. Passava, e ainda passa, meses sem qualquer ocupação, mas naquela altura tinha no basquetebol um escape, uma distração que o ajudou a “não cair muito.”

Ao fazer uma retrospectiva, Marco reconhece que “se calhar tinha mais oportunidades se tivesse estudado”, porque “naquela altura teria valido a pena.” Mas “talvez hoje não servisse de muito.” Nunca lhe passou pela cabeça seguir para a universidade, até porque nunca houve disponibilidade financeira para isso. “Quería mesmo era um curso profissional.”

**Universidade “é risco e investimento muito grande”**

A alguns quilómetros de distância, em Aveiro, encontramos Fábio Mourão, de 21 anos. Também não trabalha, nem estuda, nem está em formação. Acabou o 12.º ano com a expectativa de entrar no curso de desporto na universidade de Coimbra, mas foi colocado na sexta opção, na Guarda. Não seguiu. Começou a trabalhar e adiou o ingresso na universidade, tanto que deixou de fazer parte dos seus planos de vida. “Apesar de achar que é uma mais-valia, é um risco e um investimento muito grande”, diz, ao DN, à mesa do autocarro Bar, onde espera a boleia da sorte.

A primeira experiência, a fazer *telemarketing* num *call center*, durou um ano. “Não era fácil passar o dia a trabalhar num sítio fechado com dez mulheres e dois homens.” Um mês depois de se despedir, arranjou um novo emprego como comercial, que segurou durante oito meses. “Ambos a recibos verdes.” Há aproximadamente cinco meses caiu no desemprego. “Sinceramente, tenho procurado pouco.” Fábio admite que “se procurasse mais, talvez já tivesse arranjado alguma coisa.” A sua estratégia tem passado por “falar com conhecidos”, porque crê que “hoje em dia tem de ser assim, através de cunhas.”

Vive com os avós e recebe a ajuda dos pais. “Claro que às vezes me pressionam para ir trabalhar. E eu vou vendo umas coisas. Tenho expectativas de ir para uma loja de telecomuni-

cações nos próximos meses.” Vive uma espécie de férias prolongadas. “Mas já chega.” Acorda todos os dias à hora de almoço, toma café com os amigos e tem treinos de futebol, ao final da tarde, três vezes por semana. Arranja “sempre qualquer coisa para fazer, nem que seja mudar de café, ou dormir.”

Não põe de lado a hipótese de voltar a estudar, mas sabe que tão cedo não terá condições para isso. “Já pensei mais nisto do que agora. A motivação não é muita e é difícil para os meus pais e avós sustentarem as despesas de um curso superior. Já vivi muito melhor. Há uns anos não se falava tanto em dinheiro como agora.” Há quem lhe diga que a licenciatura não vale de nada, “que se acaba na mesma numa caixa de supermercado”, mas não concorda. “É sempre uma mais-valia.” No grupo de amigos, Fábio vê, sobretudo, “trabalhos precários, às vezes só de um mês, que estão agora muito na moda.” Enquanto se mantém no grupo dos nem-nem, aproveitada para tirar a carta de condução, cuja inscrição tinha deixado caducar.

**“Já não acredito nos meus sonhos”**

Irina Martins, 24 anos, de Portimão, faz parte dos “nem-nem” com um curso superior, que por vezes questiona se devia ou não ter tirado. Quer acreditar que sim, mas interroga-se para que lhe serve a formação académica quando se vê a adiar todos os seus projetos de vida. “Sinto-me extremamente



## Quem são?

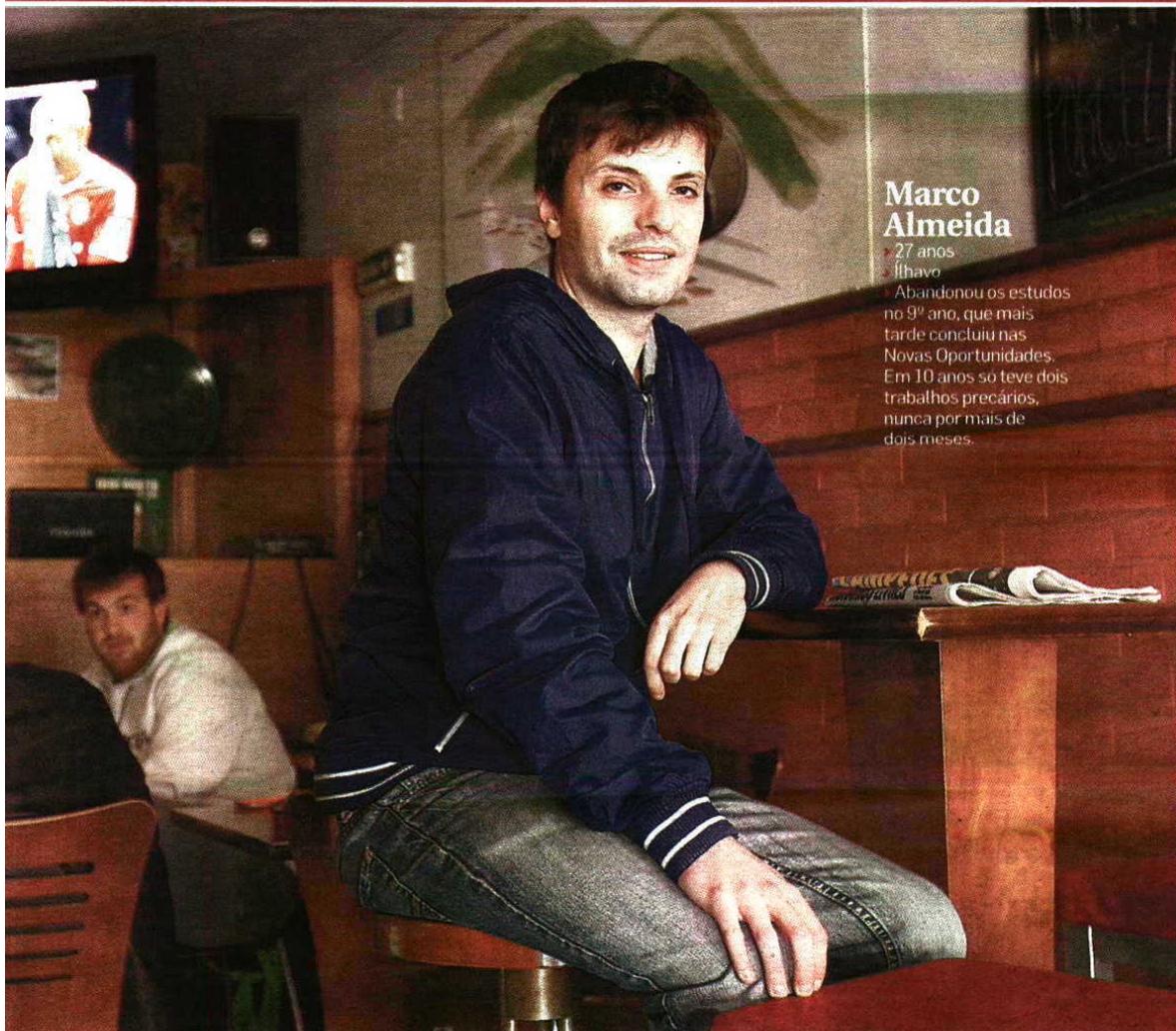
# Aqueles que não trabalham nem estudam

O conceito nem-nem abrange os jovens que não estão a trabalhar, a estudar ou em formação. O indicador NEET ("not in education, employment, or training"), taxa que define a relação entre os jovens nem-nem e o total dos jovens do mesmo grupo etário, nasceu no Reino Unido e tem vindo a ser usado pela Comissão Europeia. Regra geral, são considerados os jovens entre os 15 e os 24 anos, mas o indicador é também usado para grupos mais alargados, até aos 34 anos.

Na União Europeia, os NEET são considerados um grupo problemático no desemprego juvenil. Um relatório da Comissão Europeia publicado no ano passado indica que os jovens com baixo nível de instrução têm três vezes mais probabilidade de se tornarem nem-nem do que os que possuem curso superior. Esta realidade pode conduzir a problemas sociais como o isolamento, trabalho precário e mal remunerado, criminalidade juvenil e patologias mentais e físicas. Os jovens da geração NEET correm, ainda, um risco elevado de alienação política e social.

## Marco Almeida

27 anos  
Ilhavo  
Abandonou os estudos no 9º ano, que mais tarde concluiu nas Novas Oportunidades. Em 10 anos só teve dois trabalhos precários, nunca por mais de dois meses.



JOSE MOTA / GLOBAL IMAGENS

## Fábio Mourão

21 anos  
Aveiro  
Acabou o 12º ano e não conseguiu entrar no curso que queria. Teve dois empregos. Há cinco meses caiu no desemprego e não tem qualquer ocupação.



JOSE MOTA / GLOBAL IMAGENS

## Irina Martins

24 anos  
Portimão  
Terminou a licenciatura em Relações Internacionais em 2012 e começou a fazer parte da geração nem-nem. Tem procurado emprego em todas as áreas e no estrangeiro.



triste e desiludida. Devia ser muito ingénua quando achei que poderia arranjar trabalho ao terminar o curso. Já não acredito nos meus sonhos", reconhece. Concluiu a licenciatura em Relações Internacionais, na Universidade de Évora, em janeiro de 2012. Desde aí tem procurado trabalho em todas as áreas.

Nestes dois anos, Irina foi chamada apenas para quatro entrevistas. "Uma delas para uma empresa fantasma, suposta filial de uma firma americana de marketing. Numa outra, cheguei a ir para Espanha, mas voltei quatro dias depois porque não era nada do que diziam", revela ao DN. Vive numa procura incansável de algo que lhe permita ter independência. O seu sonho é conseguir uma vaga numa organização internacional, mas "até para fazer voluntariado em África há casos em que pedem três mil euros". Outros têm a experiência como requisito, "algo que um recém-licenciado não tem."

Irina frequentou a Escola de Hotelaria e Turismo de Portimão e fez alguns estágios na área. Está na expectativa de conseguir emprego num hotel durante o verão, a cuidar de crianças. Mas não passará disso, "de um trabalho de verão." Quer sair de Portugal, mas nem do estrangeiro recebe respostas. Sempre foi ativa, dos 16 até entrar na faculdade. A frustração passou a ser uma constante. "Os meus pais sentem-se tão frustrados como eu. É muito difícil pedir-lhes dinheiro até para café. Dizem-me para não baixar os braços, mas há dias em que só me apetece fechar-me e não ver ninguém."

Quando acorda, a primeira coisa que faz é ver o e-mail. Responde a ofertas de emprego, envia candidaturas espontâneas. Passou a deixar o telemóvel com som durante a noite, na expectativa de que alguém lhe ligue a dar uma resposta. Os dias passam e nada de novo. Parecem não ter fim. "Custa-me não saber o que vai acontecer comigo. Penso que a minha vida vai ficar pendente." Quando contactada pelo DN para esta entrevista, Irina ficou reticente: "Já fui abordada por pessoas que acham que é impossível estar há dois anos sem emprego, com tanto trabalho por aí. Custa-me ouvir isso, porque todos os dias procuro e nada. Muita gente pensa que o jovem desempregado é esquisito na procura e não quer trabalhar." Assegura que não é o caso. Enquanto se mantém desocupada, Irina sonha juntar dinheiro para se mudar para Inglaterra e tirar o curso de Produção e Realização de Televisão e Cinema.

## "Faço o que for preciso, lavar escadas, o que aparecer"

Descobriu que estava grávida a meio do 11.º ano. Rossana Lopes, 28 anos, nem contava, nem desejava ser mãe tão nova. Naquela altura trabalhava numa pizzeria para poder ajudar a mãe com as despesas. Conseguiu terminar aquele ano, mas foi obrigada a desistir. Depois disso teve alguns empregos, o mais prolongado durou quase cinco anos. Por último, a empresa onde trabalhava abriu falência e Rossana ficou desempregada, já ▶

com dois filhos. Quis concluir o 12.º ano e fê-lo através de uma formação de Programação Informática. Acabou o curso em julho de 2012, novamente grávida. A filha nasceu em outubro e, desde aí, nunca mais trabalhou. Passou a fazer parte da chamada geração nem-nem.

“Estou inscrita no centro de emprego, envio currículos, entrego-os em mão e nunca me chamaram sequer para entrevistas. Julgo que possa ser por ter concluído o 12.º ano através do Instituto de Formação Profissional”, conta, ao DN. Desistiu de procurar por áreas. Nesta altura, aceita qualquer coisa. “Faço o que for preciso, lavar escadas, o que aparecer para ter rendimentos.” Há duas semanas, o marido, licenciado em Economia, foi despedido. “O mundo caiu quando ele me ligou.”

Rossana cuida da filha mais nova, o que a mantém ocupada grande parte do dia. Está cansada de viver na incerteza. Hoje pensa que poderia “ter sido diferente” se tivesse um curso superior, “porque muitas empresas preferem licenciados”. Sempre gostou de psicologia. Se pudesse, seria essa a sua escolha. Mas, nesta altura, não pode equacionar voltar a estudar. “Cada vez fico mais desmotivada. Não tenho noção da quantidade de contactos que já fiz, mas foram certamente milhares e nem uma entrevista.” A agravar, sente que acumula cada vez mais desvantagens por se manter afastada do mercado de trabalho.



## Rossana Lopes

- ▶ 28 anos
- ▶ Alverca
- ▶ Abandonou o secundário no 11.º ano. Fez formação em Programação Informática que lhe deu equivalência ao 12.º ano. Tornou-se nem-nem em outubro de 2012.



## Ricardo Leal

- ▶ 24 anos
- ▶ Lisboa
- ▶ Abandonou o curso de Engenharia Agro-Industrial em setembro para poder começar a trabalhar. Não conseguiu emprego. Começou na sexta-feira uma formação.

## Deixou a universidade por falta de dinheiro

Se tudo corresse como planeado, nesta altura Ricardo Leal estaria quase a receber o diploma. O jovem, de 24 anos, abandonou o curso de Engenharia Agro-Industrial no início deste ano letivo, quando lhe faltavam apenas quatro cadeiras para terminar a licenciatura. “Quería começar a trabalhar, senti necessidade de ter dinheiro para o dia-a-dia.” Estava a ser impossível para a família suportar os custos da licenciatura: a mãe ficou no desemprego há quatro anos, o pai é a única fonte de rendimento. “Ele não me pressionou, nem disse que não podia pagar, mas eu vi as dificuldades pelas quais já tínhamos passado no ano anterior.”

A ideia de Ricardo era começar a trabalhar o mais depressa possível, mas desde setembro que procura trabalho, sempre sem sucesso. Como tem conhecimentos de programação, tem tentado a área de informática. “Não tenho muitas respostas.” Nos e-mails que recebe, a conversa é sempre a mesma: “Ou procuram pessoas mais velhas, com mais experiência, ou mais novas.” Desde setembro que os dias passaram a ser monótonos... e intermináveis. Acorda cedo para andar de bicicleta na zona de Monsanto, almoça e procura ofertas de emprego na internet ou vai à faculdade reencontrar os colegas. Aproveita, ainda, para ganhar conhecimento em áreas que gosta. O dinheiro não é muito para saídas.

Quando visita o Instituto Superior de Agronomia, Ricardo sente “saudades” e fica em “estado nirvana”. Quando pensa na situação em que está, diz que “tudo está mal”: “O sistema não beneficia quem deve. Não há Estado social porque não há igualdade entre as pessoas. Devia apostar-se nos jovens. Somos nós o futuro.”

Há alguns anos, Ricardo imaginava que nesta altura já estaria fora de casa dos pais e



com emprego. “Estou atrasado. Tenho de me despachar”, graceja. Ao longo destes meses, foi apenas a uma entrevista de emprego, mas tratava-se de um lugar num call center, e recusou. Curiosamente, começou antontem uma formação, que o tira, provisoriamente, da geração nem-nem. Mas não tem qualquer expectativa em relação à mesma. Ricardo considera que a única alternativa pode ser mesmo sair do País: “Se não encontrar nada até setembro, vou estudar para Inglaterra, onde tenho família e amigos.”

## “Queremos ingressar no mercado de trabalho, mas isso é-nos dificultado”

Depois de terminar o curso técnico de energias renováveis, em 2010, Carlos Cunha, 24 anos, trabalhou numa grande superfície de retalho e distribuição durante um ano e meio, o que o fez pôr de lado a ideia de seguir a formação académica. “As condições não eram as melhores, mas ganhei experiência.” Desde aí, não consegue mais do que trabalhos precários, na área da logística, através de agências de trabalho temporário. Nunca por mais de quatro meses. Saiu do último em julho do ano

passado. “As empresas alegam decréscimo de encomendas.”

Carlos faz uma “procura ativa” e “semana sim, semana não” vai a entrevistas. “Mas hoje, arranjar emprego é uma sorte, porque há muita procura e pouca oferta.” Muitas empresas nem sequer lhe respondem às candidaturas. Fala de desânimo, de um “Governo que devia tomar medidas para incentivar jovens e que não se preocupa com os riscos sociais que isso [a geração nem-nem] traz.”

Vive com os pais, porque não há outra alternativa. Considera que os jovens desempregados “não são vistos por bons olhos por muitos que acham que não querem trabalhar.” Mas assegura que não é assim: “Queremos ingressar no mercado de trabalho, mas isso é-nos dificultado.” Hoje, falar de estudos, é quase falar de uma “perda de tempo, porque nada é garantido.” Desde pequeno que tem uma paixão: os automóveis. E o sonho de tirar o curso de engenharia automóvel. “Mas é muito dispendioso tirar uma formação que de nada nos serve.”

O futuro é uma incógnita e Carlos vê o seu comprometido. Os dias passam, sem que consiga encontrar alternativas para deixar de fazer parte da geração nem-nem. Acorda cedo, vê televisão, liga-se à internet a ver



ofertas e à espera de respostas. Teve de deixar o ginásio, porque não tinha dinheiro para pagar a mensalidade. Tenta distrair-se com caminhadas na zona de Vila Nova de Gaia, onde reside. “Temos de ocupar o tempo para não cair na monotonia.”

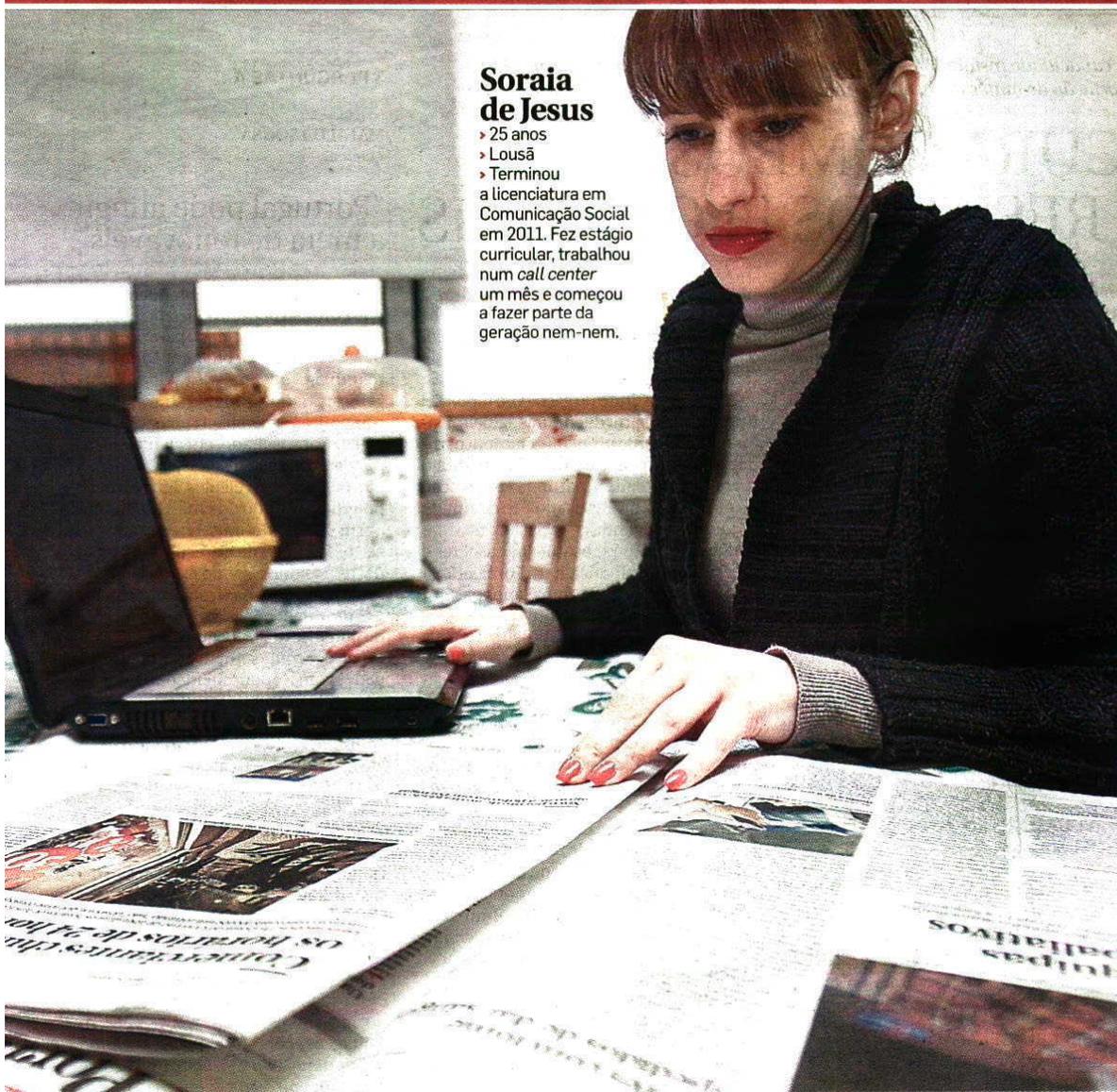
## “Já pensei voltar a estudar, mas não tenho fundo de maneo”

Na Lousã, há mais um exemplo de uma jovem licenciada da geração nem-nem. Soraia de Jesus, 25 anos, acabou o curso de Comunicação Social em 2011 e, após o estágio curricular, o máximo que conseguiu foi um emprego durante um mês num call center. Primeiro tentou a sorte na sua área de formação, depois começou a tentar tudo: supermercados, lojas de roupa, empresas de limpeza. Acredita que a licenciatura no currículo é, muitas vezes, uma condicionante. “Mas não tenho como a esconder. O que vou dizer que andei a fazer durante aqueles três anos?”

Em 2012 ainda a chamaram para algumas entrevistas – uma média de duas por mês – mas no ano passado tudo se complicou. “Já pensei voltar a estudar, mas não tenho fundo de maneo.” Soraia passa a maior

## Soraia de Jesus

> 25 anos  
> Lousã  
> Terminou a licenciatura em Comunicação Social em 2011. Fez estágio curricular, trabalhou num *call center* um mês e começou a fazer parte da geração nem-nem.



parte dos dias em casa, em frente ao computador, a ver televisão, a ajudar a mãe nas tarefas domésticas. Nada daquilo que imaginou quando se licenciou. "Sinto-me inútil, questiono-me se não reúno as condições." Abdicou de tirar a carta de condução para ter mais dinheiro para suportar as despesas do curso. "Mais valia ter tirado a carta que agora podia trabalhar numa imobiliária, por exemplo", graceja.

Ao ver-se "de pés e mãos atadas", Soraia passou por momentos difíceis. "Tive crises de pânico e ansiedade, que me obrigaram a recorrer a um psicólogo." Ultrapassou-as, mas o drama de nem conseguir trabalho, nem ter condições para voltar a estudar mantém-se. Já teve propostas para trabalhar a custo zero, que recusou. Já tentou a sorte lá fora. Emigrou para Luanda, em setembro do ano passado, na expectativa de conseguir arranjar um emprego, mas as coisas não correram bem. Voltou duas semanas depois.

Começou a trabalhar aos 16 anos, trabalhos de verão, sem contrato. Hoje não tem direito a qualquer tipo de ajuda. "Não temos a quem recorrer." Vive com a irmã mais nova e com a mãe. "É ela a arcar com todas as despesas. Já tentei pedir ajudas, mas não há qualquer tipo de apoios."

## Indicadores

# 434 mil jovens portugueses sem qualquer atividade

Um em cada seis jovens portugueses não estava a estudar, nem a trabalhar, nem em formação no último trimestre de 2012. O País assume, assim, a oitava taxa mais elevada de NEET (Not in Education, Employment, or Training) entre os países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico. Os dados foram revelados há duas semanas, no relatório "Society at a Glance". A taxa de NEET em Portugal era, no referido período, de 15,3 por cento, quando entre os 33 países da OCDE a média se situa nos 12,6 por cento. A mais elevada é a da Grécia (27,4 por cento), seguindo-se a Turquia, a Itália, o México, a Espanha — onde é conhecida como geração "ni-ni" — a República Checa e a Irlanda.

No ano passado, os dados revelados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) apontam para quase meio milhão de jovens sem atividade em Portugal em 2012. De acordo com o estudo, 434 mil jovens com idades entre os 15 e os 34 anos eram nem-

-nem, um número recorde. O estudo indica que o fenómeno afeta toda a população jovem, independentemente do seu nível de escolaridade, sendo que a maioria completou apenas o ensino básico.

A geração nem-nem compreende grupos com diferentes graus de vulnerabilidade, decorrente da acumulação de desvantagens no mercado de trabalho, por não estudar, nem trabalhar. Os dados da OCDE apontam para um crescimento de 1,5 pontos percentuais na taxa de NEET entre o quarto trimestre de 2007 e o de 2012, fruto da crise e consequente subida da taxa de desemprego, sobretudo entre os jovens.

No mesmo relatório, a organização destaca a necessidade de definir prioridades relativamente a despesas sociais, nomeadamente assegurar apoios básicos para os grupos mais desprotegidos. A OCDE realça que seis em cada dez desempregados não recebem apoios ao desemprego. É o que se passa com os sete jovens com que o DN falou.

## 3 PERGUNTAS A...

### "É preciso ter uma atitude otimista quanto à possibilidade de conseguir emprego"



**ELÍSIO ESTANQUE**  
Sociólogo,  
Investigador do Centro  
de Estudos Sociais  
da Universidade  
de Coimbra

**A que se deve o aumento do número de jovens que não estuda, nem trabalha, nem está em formação em Portugal nos últimos anos?**

Deve-se, tal como outros problemas, ao contexto de crise, dificuldades económicas, aumento do desemprego e, sobretudo, ao aumento do desemprego jovem. Temos várias gerações a sofrer os efeitos da austeridade. Se há alguns anos as gerações mais velhas compensavam as dificuldades dos jovens, atualmente, com cortes nas pensões, os gastos nos estudos ficam difíceis de suportar. E muitos jovens deixam a vida escolar e não conseguem entrar no mercado de trabalho. Até os empregos precários são difíceis de conseguir e isso desmotiva os jovens.

**Há jovens com maior risco de se tornarem nem-nem?**

As pessoas têm respostas diferentes. Geralmente, nas classes médias e mais instruídas os jovens acreditam mais neles próprios, é quase uma herança cultural. Isto depende do equilíbrio da família em termos de capital económico e cultural. Esse equilíbrio pode favorecer uma atitude mais ativa. As famílias mais desestruturadas influenciam a atitude dos filhos, que terão défice de iniciativa. É preciso ter uma atitude otimista quanto à possibilidade de conseguir emprego. O panorama geral prende-se com desemprego, risco de pobreza e ausência de esperança, uma característica desta geração nem-nem.

**Estes jovens dizem que lhes são negadas oportunidades por falta de experiência. Será cada vez mais difícil entrarem no mercado de trabalho?**

É uma espiral negativa, uma bola de neve. As dificuldades aumentam em exponencial. Quanto mais apertado está o mercado de trabalho, mais seletividade se faz sentir. As empresas preferem alguém com experiência. Além de que muitas estão com a corda ao pescoço. Se os números vão aumentar ou não, dependerá da economia e da Europa, da capacidade das instituições e de os governos europeus inverterem este rumo.